

GENOGRAMA COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA

Jurandi Serra Freitas¹
Evandinei Dal Molin²

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo analisar o genograma, um instrumento de simbologias capaz de traçar, delinear, compreender e analisar as relações familiares e suas nuances, como uma ferramenta de intervenção terapêutica na prática da psicologia e como metodologia utilizou-se de revisão narrativa de literatura, justificando o interesse da proposta pela escassez de referencial teórico sobre o assunto, seja nos estudos e/ou própria psicoterapia. Ao longo da pesquisa foram elencados vários autores que puderam descrever e ampliar os conceitos agregando conhecimentos sobre a evolução simbólica do genograma destacando a importância do tema, como fizeram McGoldrick e Randy Gerson e suas considerações que enriqueceram e contribuiram para que a ferramenta citada pudesse ser um recurso terapêutico influente na prática da psicologia clínica geral mas destacando-se na psicologia familiar sistêmica, auxiliando estudantes e profissionais da psicologia e áreas afins.

Palavras-chave: Genograma. Psicologia. Família. Abordagens Psicológicas.

I INTRODUÇÃO

819

A compressão dos contextos, genealogias, relações e tantas outras complexas formações de laços entre indivíduos e suas famílias, tem se tornado cada vez mais desafiadoras e para compreender toda essa complexidade, profissionais buscam formas e ferramentas capazes de serem de fácil acesso e eficazes na interpretação de seus resultados e intervenções, diante deste contexto, uma ferramenta utilizada e aceita pela comunidade científica é o “genograma” que tem sido descrito como um instrumento de avaliação e intervenção que proporciona uma aproximação com as relações familiares (VITALE, 2004)

Para Vitale (2004) o genograma é capaz de contar histórias que integram o patrimônio relacional das famílias, ou seja, o trabalho com esta ferramenta possibilita a criação de um espaço dialógico e relacional propício para à transformação das histórias e vivências familiares.

O genograma é uma poderosa ferramenta utilizada principalmente na abordagem familiar sistêmica, nele, é possível observar e analisar barreiras e padrões de comunicação entre membros de uma família, explorando aspectos emocionais e comportamentais em diferentes gerações, além de auxiliar os membros daquela relação a identificar suas características únicas

¹Psicóloga Clínica Professora Mestre, na UTP e Uniensino, doutoranda PUC/PR.

²Enfermeiro Clínico Assistencial e Acadêmico de Psicologia da UniEnsino.

e discutir opções de mudanças que possam fortalecer a estrutura familiares. (NASCIMENTO, 2005).

Nascimento (20005) ressalta que o genograma não se limita a indicar laços de consanguinidade, mas também permite representar laços de afinidade e relacionamentos significativos, sem necessariamente envolver parentesco, tornando essa abordagem ampliada, enriquecendo assim a compreensão das dinâmicas familiares e suas influências na saúde e no cuidado.

O genograma, em vias de conceituação, pode ser descrito como uma representação gráfica de relações familiares, compreendidas por gerações anteriores e posteriores do indivíduo ou dos indivíduos, permitindo uma visão global da estrutura familiar e dos modelos funcionais da família, pela perspectiva cronológica e pela dinâmica apresentada (MACHADO, et al, 2005)

Para Gergen (2005) o genograma pode ser congruente com a prática comunicativa à medida em que se avança criticamente de forma que os dispositivos desenhados sejam reapropriados para fins generativos. O autor propõe que é possível modificar a ênfase da informação pela busca de novas oportunidades de contar uma nova história sobre as vivências experienciadas.

Vitale (2004) ainda contribui, lembrando que a introdução de vivências familiares anteriores, pode trazer consigo outras formas de encarar as problemáticas, permitindo novos entendimentos sobre as experiências familiares, analisando assim, novas possibilidades para o futuro.

Para Erthal (1989) na construção do genograma, símbolos são parte do processo, é importante lembrar que os indivíduos estão buscando formas terapêuticas de alívio de seus sofrimentos, assim é preciso praticar a escuta empática, devido a mobilização que a mesma ocasiona no paciente durante a formulação do instrumento. É preciso que durante essa escuta, o profissional possa conscientizar o indivíduo a refletir sobre sua vida e suas relações.

A imagem que o indivíduo cria de si mesmo, determina os comportamentos que desenvolve" (ERTHAL, 1989).

Com bases na exposição do contexto que envolve as complexas relações familiares e suas representações gráficas do instrumento e as percepções geradas pelo indivíduo participativo no processo, este trabalho apresenta o genograma como uma ferramenta terapêutica de construção de possibilidades. A descrição simbólica proposta desbrava oportunidades que sejam viáveis e diretivas seja para os indivíduos e seus terapeutas.

O genograma como recurso vai além de um simples instrumental simbólico, pois em todas suas vertentes acaba por ser um fortalecedor dos vínculos familiares através das confluências identificadas e as possíveis estratégias a serem utilizadas. Ao pesquisar sobre genograma e suas aplicações como recurso terapêutico, o mesmo apresenta-se como interesse à ampliação do conhecimento sistêmico das famílias, para o paciente e seu círculo familiar e também para os profissionais que carecem de ferramentas capazes de dinamizar e facilitar seus atendimentos terapêuticos.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar o genograma como ferramenta de intervenção terapêutica na prática da psicologia e como objetivo específico, descrever possíveis interpretações das simbologias do genograma para a psicologia

Como justificativa e pela escassez de conteúdo científico, visto sua importância e impacto na sociedade o estudo dos genogramas, a compreensão de suas teorias e simbologias, pode, assim como o próprio conceito designa como ferramenta indispensável para a abordagem da terapia familiar sistêmica, fazer-se necessário o estudo aprofundado e dinamizado sobre suas conceituações e contribuições, sejam no campo científico, ou seja, na atuação e prática da abordagem, assim o principal objetivo, já destacado anteriormente desta pesquisa é analisar as principais características do genograma e seus símbolos, através dos referenciais bibliográficos, com intuito de elucidar e instrumentalizar alunos e profissionais de psicologia e áreas afins promovendo conhecimentos mais amplos sobre suas teorias e práticas.

821

2 MÉTODO

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa de literatura, sendo de natureza qualitativa, com o intuito de descrever sobre os principais conceitos do genograma e sua relação com a psicologia.

Uma pesquisa de revisão narrativa de literatura com caráter qualitativo é uma abordagem que visa sintetizar e interpretar estudos qualitativos existentes sobre determinado tema. Ressalta-se que nessa forma metodológica não há limitações apenas em agrupar resultados, mas sim analisar as narrativas, trazendo a luz do conhecimento seus contextos e significados. (MAY, 2011)

May (2011) ainda diz que ao invés do seguimento da pesquisa em formato rígido e sistemático, a revisão de narrativa permite uma análise mais flexível e interpretativa do

assunto, permitindo identificar temas, tendências e maior abrangência na literatura, sendo essa abordagem útil para melhor compreender os fenômenos complexos.

As palavras chaves utilizadas foram: Genograma, Psicologia, Família, Abordagens Psicológicas. Para o referencial teórico se utilizou como fonte de busca de materiais, as bases de dados acadêmicos científicos das plataformas Google Acadêmico, Scielo e Pepsic, juntamente com as bibliografias relacionadas através de livros, revistas, materiais e referências “clássicas” sobre o tema.

O artigo seguiu o fluxo atemporal, elencando o assunto baseado em conteúdo e não em tempo cronológico. Ressalta-se que ao longo do texto é possível encontrar termos em línguas outras línguas, como inglesa, espanhola e francesa, para que não percam suas raízes linguísticas e mantenham a ideologia de seus autores e como orientação para a pesquisa, foram utilizadas sinal e simbologias referentes ao genograma ao longo dos períodos, identificando sua utilização não apenas na psicologia, mas seu histórico em outras áreas de conhecimento.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 breve histórico do genograma

As representações de relações familiares e sociais é longa e remonta práticas antigas capazes de ajudar as sociedades de suas diversas épocas a entender e documentar suas linhagens e conexões. A exemplo disso surgiram em diversas culturas, as árvores genealógicas como uma maneira de traçar ascendências, muitas das vezes com foco nos processos de heranças familiares. Levine (1990) descreve essa prática, demonstrando registros de genealogias bíblicas com datas 1000 a.c., onde os descendentes eram catalogados para mostrar a continuidade familiar e o direito a propriedades.

Na Europa medieval, algumas famílias “nobres” mantinham seus registros de forma detalhadas e sistematizada de sua linhagem, reforçando, principalmente, a importância da hereditariedade e do status social (DAVIS, 1998)

Com o surgimento da antropologia e da sociologia, a compreensão das relações sociais começou a se expandir. Autores como Émile Durkheim descreve que sociólogos iniciaram a análise da influência das estruturas sociais nas relações e decisões individuais, inclusive e baseado nesse contexto, Durkheim (1998) em uma de suas obras *le Suicide* de 1987, propôs que as interações sociais e os laços familiares eram importantes e definidores para o bem-estar, embora, claro, as representações visuais dessas dinâmicas ainda fossem extremamente

rudimentares. Assim as ideias que o autor sugere, de que a família era um sistema interconectado, começaram a ganhar força, permitindo novos estudos, inclusive o surgimento de novas representações simbólicas desses sistemas.

Vários termos, foram e podem ainda ser observados, para denominar o genograma, como árvores genealógicas, mapas familiares, diagrama familiar, entre outros, porém citando a primeira metade do século XX, foram percebidos vários e significativos avanços no contexto social e na história da psicologia no tema: relações familiares. Murray Bowen, já na década de 1950, foi um dos pioneiros na sistematização dos conceitos da dinâmica familiar, introduzindo o que ele chamava de “diferenciação do eu” que enfatiza a importância das interações familiares em um contexto sistêmico (BOWEN, 2006). Embora não tenha desenvolvido uma simbologia formal para essas relações, suas ideias de padrões comportamentais entre gerações e estudos como os de Durkheim, estabeleceram bases para a utilização de diagramas.

Na década de 1980, autores como Monica McGoldrick e Randy Gerson, aprimoraram os conceitos e sistematizaram o genograma através de simbologias, encontrada em obras como *Genograms in Family Therapy*. Baseados nos conceitos de Bowen, traduzindo suas ideias, surgiram as primeiras e concretas representações gráficas do genograma como conhecidas hoje. McGoldrick (2008), incorporou ao conceito teórico, uma variedade de símbolos para representar as relações familiares, capazes de identificar aspectos emocionais e comportamentais, permitindo uma análise mais profunda das dinâmicas intergeracionais. Assim o genograma pode tornar-se uma ferramenta importante na terapia familiar, permitindo aos terapeutas a visualização e a compreensão de padrões relacionais, conflitos e até mesmo traumas que se perpetuam através das gerações.

823

Com a popularização do genograma, outros contextos além da terapia, começaram a se utilizar de suas propostas, como na assistência social, na educação, na medicina. David Kantor (1998) relata sobre a aplicação do genograma na prática clínica, enfatizando a importância da representação visual para o entendimento das interações familiares complexas e a partir de suas e demais contribuições a terapia familiar moderna tornou-se uma disciplina consolidada com uso do genograma como parte essencial para o repertório dos terapeutas e outros profissionais da área.

Virginia Satir (2001) abordou a importância da comunicação e da expressão emocional das dinâmicas familiares, sendo também uma das pioneiras da terapia sistêmica, enfatizando a necessidade de entender as relações familiares de maneira holística e que o uso do genograma

pode explorar não apenas a estrutura mas também a funcionalidade e a saúde emocional das famílias.

Seguindo para as décadas de 1990 e 2000, outros autores se destacaram por ressaltarem a importância do uso do genograma na prática clínica como Theresa Kleine que insere as discussões de como os genogramas podem ajudar terapeutas a mapear conflitos familiares, permitindo uma abordagem mais estruturada nas intervenções através da verificação de padrões de interações e comportamentos disfuncionais. (KLEINE 2002)

O genograma em sua essência, descreve graficamente como os diferentes membros da família estão ligados legal, biológica e historicamente entre si de uma geração a outra. Uma vez registrada a estrutura dessa família, pode-se começar a registrar as informações sobre a própria família, em especial as informações demográficas, informações sobre o funcionamento familiar e os eventos familiares críticos. (McGOLDRICK & GERSON 2008)

Maria A. L. de Lima também contribuiu significativamente para a discussão sobre o uso de genogramas na terapia familiar. Em seus estudos, ela apresenta casos práticos onde a ferramenta foi utilizada para compreender a história familiar de indivíduos e suas implicações para a saúde mental. Lima (2005) enfatiza que o genograma é uma ferramenta dinâmica, que pode ser ajustada conforme o desenvolvimento da terapia, permitindo uma reflexão contínua sobre as relações familiares.

824

3.2 Genograma em práticas assistenciais em saúde

O Genograma como ferramenta de uso terapêutico, não é e nem pretende ser um instrumento apenas de posse do profissional psicólogo, mesmo que este tenha o utilizado em suas abordagens de forma dinâmica e pautada em processos. Mello et al. (2005) afirmam que o genograma e o ecomapa (ferramenta utilizada por vezes junto como genograma, do qual não será abordado neste artigo), vêm sendo utilizados principalmente no campo da assistência em saúde, que visa realizar o levantamento de informações relevantes sobre o sujeito-índice e sua unidade familiar, acabando por contribuir para o cuidado, otimizando as informações do paciente e sua família.

A aplicação do genograma favorece a identificação e análise dos vínculos familiares e comunitários, contribuindo para a compreensão da composição características singulares de cada espaço familiar e do território no seu entorno (COSTA, 2013). Por esse motivo vem sendo amplamente utilizado como recurso de coleta de informações em programas assistenciais como é o caso das unidades de atenção primária com estratégias da Saúde da Família, compostos por

equipes multiprofissionais seguindo orientações dos “Cadernos de Atenção Básica e/ou Familiar” como ferramentas viáveis aos núcleos de atenção a família. (Ministério da Saúde, 2012)

Franco e Sei (2013) dizem que o genograma colabora com a aproximação dos serviços de saúde com a história do sujeito. Possibilita insights acerca do funcionamento nuclear da família, suas singularidades e leva em consideração seus contextos socioculturais e econômicos.

Ainda sobre a perspectiva de possibilidades da utilização do genograma em profissionais não psicólogos, Cardim e Moreira (2013) complementam indicando que a ideia principal dessa ferramenta é apoiar o planejamento e a execução de intervenções em saúde, além de intervenções psicosociais em outros contextos institucionais e comunitários.

Wendt e Crepaldi (2008) vão além, destacando as potencialidades do emprego do genograma também em pesquisas qualitativas sobre os contextos familiares como prática de promoção a saúde.

3.3 Genograma como ferramenta na psicologia

Foram vários os autores que contribuíram para a utilização do genograma na psicoterapêutica, mas principalmente Wendt e Crepaldi (2008) e McGoldrick et al (2008), que ao reverem e ampliarem seus conhecimentos no assunto, baseados na experiência clínica, traçaram assim um padrão “transacional”, elencando tipos de relacionamento repetitivos e cristalizados entre alguns integrantes do sistema familiar. Tais contribuições ajudaram no alinhamento da utilização dessa metodologia nos diferentes ramos da psicologia.

825

Diversos autores contribuíram para a discussão do uso do genograma como ferramenta na psicologia. McGoldrick et al. (2008) em sua complexa e abrangente obra/literatura, expressam a importância do genograma na terapia familiar, destacando sua versatilidade em diferentes contextos e abordagens, permitindo assim que sua utilização possa se diversificar nas diferentes áreas da psicologia. Vetlesen (2015) traz uma perspectiva bastante contemporânea sobre como o genograma pode ser adaptado para as práticas diversas, ampliando a aplicabilidade na psicologia moderna atual.

4 O GENOGRAMA

McGoldrick (2008) define o genograma de forma técnica, como um diagrama que ilustra a estrutura familiar em formato semelhante a uma árvore genealógica, muito comuns nos

séculos XIX e XX, utilizando-se de símbolos padronizados para representar indivíduos, seus relacionamentos, características e eventos importantes ao longo de gerações

4.1 O genograma gráfico

Símbolos e legendas usados no genograma

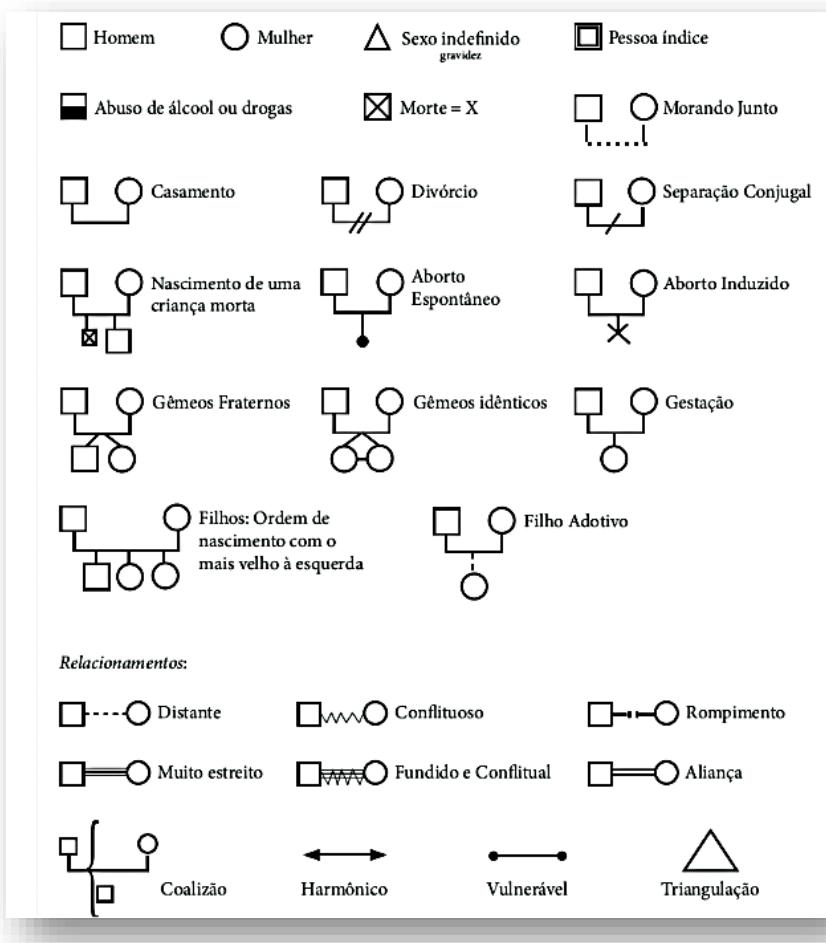


Figura 1 – Fonte: (SCHLITHLER; CERON; GONÇALVES, 2011, p. 59).

4.2 Principais definições da simbologia (gráfica) do genograma

No início de sua obra, McGoldrick et al. (2008) introduzem o genograma destacando a complexidade das interações entre os membros da família. Os símbolos que compõem um genograma são fundamentais para a representação visual dessas relações, permitindo que terapeutas e pacientes compreendam a estrutura familiar e suas dinâmicas. Cada símbolo tem um significado específico, contribuindo para uma leitura mais rica e abrangente do contexto familiar. Abaixo segue a descrição em formato de tabela dos principais elementos visuais

encontrados no genograma e suas funções essenciais mais detalhadas de acordo com os autores citados, sendo um compilado básico dos mesmos e tendo como referência a Figura 1.

Descrições das Representações Gráficas Simbólicas “Essenciais”	
Círculo	Representa uma mulher
Quadrado	Representa um homem.
X sobre o círculo ou quadrado	Denota um indivíduo falecido
Seta	Usada para indicar separação ou divórcio, mostrando a dinâmica de término nas relações
Cores	Utilizadas para denotar características específicas, como problemas de saúde mental ou histórico de abuso de substâncias
Triângulo	Pode representar uma relação extraconjugal ou um terceiro que influencia a dinâmica familiar
Losango	Usado para simbolizar um indivíduo que exerce influência significativa na família, como avós ou tios
Círculo com um ponto central	Indica uma pessoa que desempenha um papel central em um conflito familiar
Estrela	Pode simbolizar um membro da família que se destaca por algum motivo, como realização profissional ou destaque social
Círculo dividido	Representa uma pessoa que tem múltiplas identidades ou papéis dentro da família

Tabela 1 - Fonte: (SCHLITHLER; CERON; GONÇALVES, 2011, p. 59) & (McGOLDRICK, M., GERSON, R., PETRY, S., 2008)

Descrições das Representações Gráficas Simbólicas “Relacionais”	
Linha horizontal	Indica um relacionamento conjugal ou parceria entre um homem e uma mulher
Linha vertical	Conecta pais a filhos, estabelecendo a relação de descendência
Linha pontilhada	Representa um relacionamento não matrimonial, como coabitação
Linha dupla	Representa um relacionamento forte ou próximo, indicando um vínculo afetivo significativo
Linha tracejada	Indica um relacionamento distante ou tenso, destacando conflitos ou desconexões familiares
Linha pontilhada dupla	Representa uma relação ambivalente ou complicada entre os membros da família
Linha diagonal	Representa uma mudança na estrutura familiar, como adoção ou mudança de custódia
Setas curvadas	Indicam relacionamentos que mudaram ao longo do tempo, como reconciliações ou separações temporárias
Linhas cruzadas	Indicam rivalidades ou conflitos abertos entre membros da família

Tabela 2 - Fonte: (SCHLITHLER; CERON; GONÇALVES, 2011, p. 59) & (McGOLDRICK, M., GERSON, R., PETRY, S., 2008)

A escolha definida para apresentar a descrição dos símbolos em formato de tabela visa facilitar a consulta e compreensão mais dinâmica dos símbolos, permitindo uma visão mais clara e organizada das informações essenciais de um genograma. Essa construção se

fundamentou nas contribuições de Schlithler, Ceron e Gonçalves (2011) e McGoldrick, Gerson e Petry (2008), que destacam a importância de uma representação acessível para a análise das dinâmicas familiares, otimizando a prática clínica e o entendimento das interações familiares.

5 ABORDAGENS PSICOLÓGICAS

5.1 Na abordagem Sistêmica

Na abordagem sistêmica, o genograma é uma ferramenta fundamental para a compreensão da família como um sistema, seja ele interativo ou não. Terapeutas sistêmicos como Bowen (1978) por exemplo, enfatiza a importância das relações intergeracionais e seu impacto na saúde mental de cada indivíduo.

Para essa abordagem o genograma permite a representação de conflitos, relações de lealdade e padrões de comportamentos que podem ou não ser transmitidos entre as gerações. Tal condição é fundamental para o trabalho terapêutico e através dessa representação visual, os psicólogos podem auxiliar os seus pacientes a entenderem as origens de seus problemas e a construírem novas narrativas capazes de produzir mudanças nas relações, principalmente naqueles que gerem conflitos e/ou estejam impactando as interrelações (KERR & BOWEN, 1988)

828

5.2 Na abordagem Psicanalítica

Na psicanálise, ou melhor, na abordagem psicanalítica, o genograma também tem sido explorado como uma ferramenta de reconhecimento e leitura da história familiar e suas implicações no desenvolvimento psíquico do indivíduo. Ferenczi (1926) já apontava a importância das relações familiares na dinâmica emocional do indivíduo. Silva (2016) discute que a construção do genograma pode levar a identificação de traumas e a resolução e elaboração de questões familiares com ajuda dos terapeutas psicanalíticos que são capazes de visualizar nas transações familiares os efeitos no inconsciente dos pacientes, revelando os conflitos e padrões comportamentais inconscientes, trazendo maior clareza na terapia.

5.3 Na abordagem Humanista

A abordagem humanista, por sua vez, tem seu foco principalmente na experiência subjetiva do indivíduo, mas também aborda sobre a busca por auto responsabilização. O genograma, nesse contexto, serve como uma ferramenta para a exploração individual e a

tomada de consciência das relações familiares. Carl Rogers (1961) enfatizava desde a década de 1960 a importância da empatia e da compreensão na relação terapêutica. Ao utilizar o genograma, os psicólogos humanistas podem ajudar os pacientes a visualizarem e compreenderem suas relações familiares, promovendo um espaço seguro para a exploração de sentimentos e experiências. Essa abordagem facilita a autoaceitação e a reflexão sobre como as relações familiares influenciam a autoimagem e a autoestima do indivíduo (GERGEN, 2005).

O genograma, mesmo que tradicionalmente associado às abordagens anteriormente citadas, também é amplamente utilizado em outras correntes da psicologia. Na terapia familiar estrutural, por exemplo, desenvolvida por Salvador Minuchin, o genograma é uma ferramenta crucial para mapear hierarquias e interações familiares, facilitando a identificação de padrões disfuncionais e a implementação de intervenções que realinham as relações (MINUCHIN, 1974).

Na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), o genograma ajuda a explorar as influências familiares sobre padrões de pensamento e comportamento, permitindo que os clientes reconheçam crenças disfuncionais enraizadas em suas histórias familiares (BECK, 2011).

Por sua vez, a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) utiliza o genograma para aprofundar a compreensão de como as dinâmicas familiares impactam valores e compromissos pessoais, promovendo a aceitação e mudanças significativas (HAYES et al., 2006). Na Psicologia Transpessoal, o genograma é utilizado para investigar questões de espiritualidade e identidade, considerando a influência de dinâmicas intergeracionais (WALSH, 1999).

Assim, o genograma se revela uma ferramenta multifacetada e poderosa, promovendo uma compreensão abrangente das dinâmicas familiares que influenciam a saúde mental e o bem-estar, demonstrando sua relevância em diversas abordagens terapêuticas.

6 CONSIDERAÇÕES

O presente estudo foi capaz de traduzir e reafirmar a relevância do genograma como uma ferramenta de intervenção terapêutica na prática da psicologia, destacando sua versatilidade e eficácia na análise das complexas dinâmicas familiares.

Através da representação gráfica das relações familiares, o genograma não apenas facilita a compreensão de padrões intergeracionais e das interações familiares como também acaba por promover um espaço seguro para a reflexão e transformação durante o processo

terapêutico, ou seja, através desta abordagem os terapeutas conseguem identificar diversos padrões na comunicação e/ou comportamento do indivíduo e seu entorno de vivência, possibilitando intervenções direcionadas que favorecem o fortalecimento e vínculos familiares.

O atendimento dos propostos objetivos da pesquisa permitiu buscar e evidenciar que o genograma, além de um recurso técnico, atua como um veículo de comunicação, potencializando diálogos mais aprofundados entre terapeuta e paciente. Tal interação é fundamental para a construção de novas narrativas e compreensões, principalmente sobre vivências passadas, oferecendo aos indivíduos a oportunidade de reavaliar suas histórias e as influências familiares que as moldaram ou, melhor, ainda moldam.

Quanto as simbologias associadas ao genograma, ela não apenas enriquece a análise como permitem o aprofundamento de questões emocionais e comportamentais que circundam cada relação.

Quanto pesquisa científica, o artigo destacou a importância do uso do genograma como ferramenta terapêutica em diversos contextos, seja ela no campo da saúde, seja no conhecimento das várias abordagens da psicologia, demonstrando suas potencialidades na terapia familiar sistêmicas como principal, como sua utilização em forma de recurso nas demais abordagens psicológicas.

A inclusão do genograma nas práticas terapêuticas é essencial para o psicólogo, desde sua formação, visto que oferece entendimento mais aprofundado sobre as influências familiares na vida dos indivíduos. Vale ressaltar que o estudo do genograma e suas simbologias deve ser ampliado, explorando suas aplicações em diferentes contextos, justificando novos campos de pesquisa, inclusive o artigo presente estimula a pesquisa voltada para estudos de caso, pesquisa de campo entre outras.

Em suma, a pesquisa demonstrou que a medida que os profissionais se tornam mais familiarizados com esta ferramenta, espera-se que possam proporcionar intervenções mais eficazes e mais direcionais, promovendo mudanças significativas na vida de seus pacientes e fortalecendo as estruturas familiares.

REFERÊNCIAS

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Caderno de atenção domiciliar. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (volume 1).

BECK, A. T. *Terapia cognitiva: princípios e prática*. Nova Iorque: Editora Guilford Press, 2011.

BOWEN, M. **A terapia familiar na prática clínica.** Nova Iorque: Editora Jason Aronson, 1978.

BOWEN, M. **A terapia familiar na prática clínica.** São Paulo: Editora Artmed, 2006.

CARDIM, M. G.; MOREIRA, M. C. N. Adolescentes como sujeitos de pesquisa: a utilização do genograma como apoio para a história de vida. **Interface -Comunicação, Saúde, Educação,** Botucatu, v. 17, n. 44, p. 133-143, jan./mar. 2013.

COSTA, R. **Representação gráfica de famílias com recurso ao Genopro®:** (re)descobrir o genograma familiar no contexto da investigação qualitativa. **Indagatio Didactica**, Aveiro, v. 5, n. 2, p. 723-733, 2013. DOI: <https://doi.org/10.34624/id.v5i2.4428> acesso em outubro de 2024.

DAVIS, T. **Genealogias: Uma perspectiva histórica.** São Paulo: Editora Senac, 2000.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo sociológico.** Tradução de D. R. Leite. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

ERTHAL, T.C.S. **Terapia Vivencial: Uma abordagem existencial na psicoterapia.** Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

FERENCZI, S. **Thalassa: Uma teoria da genitalidade.** Nova Iorque: Editora Rebus Press, 1926.

FRANCO, R. D. S.; SEI, M. B. O uso do genograma na psicoterapia psicanalítica familiar. Minas Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 399-414, jul./dez. 2015.

GERGEN, K. **Rumo a um vocabulário do diálogo transformador.** Em D.F.Schnitmann & S. Littlejhon (orgs.) Novos Paradigmas em Mediação (pp.29-45), Porto Alegre: Editora Artmed, 2005.

831

HAYES, S. C.; STROSAL, K.; WILSON, K. G. **Terapia de aceitação e compromisso: uma abordagem experiencial para a mudança de comportamento.** Nova Iorque: Editora Guilford Press, 2006.

KANTOR, D. **A família e a terapia sistêmica.** São Paulo: Editora Artmed, 1998.

KLINE, Theresa A. **Terapia Familiar e Genogramas.** Nova Iorque: Editora Wiley, 2002.

LEVINE, A. **A família na história: Uma pesquisa sobre a literatura.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

LIMA, Maria A. L. de. **Terapia Familiar: Teoria e Prática.** São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2005.

MACHADO, H.B. et al. Identificação de risco na vida familiar a partir do genograma. **Família, Saúde e Desenvolvimento.** Curitiba v.07 n.2 p.149-157, 2005.

MAY, T. **Pesquisa Social: Questões, Métodos e Processos.** Porto Alegre: Editora McGraw-Hill Education, 2011.

McGOLDRICK, M., GERSON, R., PETRY, S. **Genogramas na terapia familiar.** São Paulo: Editora Artmed, 2008.

MELLO, F., VIERA, C., SIMPIONATO, E., BIASOLI-ALVES, Z., NASCIMENTO, L. C. Genograma e ecomapa: possibilidades de utilização na Estratégia de Saúde da Família. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, Santo André, v. 15, n. 1, p. 78-88. 2005.

MINUCHIN, S. **Famílias e terapia familiar.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974.

NASCIMENTO, L. ROCHA, S. HAYES, V. Contribuições do Genograma e do Ecomapa para o estudo de famílias em enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem** v.14n.2 p.280, 2005 (acesso em 14 outubro de 2024).

ROGERS, C. R. **Tornando-se uma pessoa: A visão de um terapeuta sobre a psicoterapia.** Boston: Editora Houghton Mifflin, 1961

SATIR, V. **A nova construção da família.** São Paulo: Editora São Paulo, 2001.

SCHLITHLER, A. C. B.; CERON, M.; GONÇALVES, D. A. Famílias em situação de vulnerabilidade ou risco psicossocial. Especialização em Saúde da Família – UNA-SUS, Santa Catarina, p. 43-69, 2011.

SILVA, M. A. de T. **A utilização do genograma na terapia familiar.** São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

VETLESEN, A. J. O genograma como uma ferramenta para entender diferenças culturais na terapia. **Journal of Family Therapy**, v. 37, n. 2, p. 123-145, 2015. 832

VITALE, M.A. **Trabalho Psicodramático com genograma em Terapia de Casais.** São Paulo: Editora Ágora, 2004.

WALSH, R. **Espiritualidade essencial: as 7 práticas centrais para despertar o coração e a mente.** Nova Iorque: Wiley, 1999.

WENDT, N. C.; CREPALDI, M. A. **A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados em pesquisa qualitativa.** Psicologia: Reflexão e Crítica, [s.l.], v. 21, n. 2, p. 302-310, 2008.